Iemanjá



MAGO SIMON

VISIT...

LANZAROTE Caliente.COM

Iemanjá



MAGO SIMON

Iemanjá



MAGO SIMON

É o orixá dos ebás, divindade da fertilidade originalmente associada aos rios e desembocaduras. Seu culto principal estabeleceu-se em Abeocutá após migrações forçadas, tomando como suporte o rio Ogum de onde manifesta-se em qualquer outro corpo de água. Também é reverenciada em partes da América do Sul, Caribe e Estados Unidos. Sendo identificada no merindilogum pelos Odus irossum, Ossá e Ogundá, é representada materialmente pelo assentamento sagrado denominado Ibá de Iemanjá. Manifesta-se em iniciados em seus mistérios (eleguns) através de possessão ou transe.

Celebrada em Ifé como filha de Olocum a divindade dos mares, essa simbiose lendária foi enaltecida no processo da diáspora africana resultando na assimilação de Iemanjá dos atributos da água salgada, sendo o motivo para a sua associação aos mares no Novo Mundo. Com o sincretismo de outras divindades e de influências europeias, foi imbuída de inúmeros atributos e poderes em uma grande variedade de cultos. O seu arquétipo maternal consolidou-se sobretudo como Mãe de todos os Orixás. Iemanjá nas palavras de D. M. Zenicola, "representa o poder progenitor feminino; é ela que nos faz nascer, divindade que é a maternidade universal, a Mãe do Mundo".

No Brasil considerado o orixá mais popular festejado com festas públicas, desenvolveu profunda influência na cultura popular, música, literatura e na religião, adquirindo progressivamente uma identidade consolidada pelo Novo Mundo conforme pode ser observado em suas representações nos mais diversos âmbitos que em sua imagem reuniram as "três raças". Figura na Dona Janaína uma personalidade à parte, sedutora, sereia dos mares nordestinos, com cultos populares simbólicos e acessíveis que muitas vezes não expressam necessariamente uma liturgia. Nessa visão, segundo T. Bernardo Iemanjá "(...) é mãe e esposa. Ela ama os homens do mar e os protege. Mas quando os deseja, ela os mata e torna-os seus esposos no fundo do mar".

"Iemanjá", nome que deriva da contração da expressão em iorubá Yèyé omo ejá ("Mãe cujos filhos são peixes") ou simplesmente Yemọjá em referência a um rio homônimo

cultuado nos primórdios do culto deste orixá. Na Nigéria, Yemọjá pronuncia-se com o som de "djá" na última sílaba. A versão lusófona amplamente mais aceita no âmbito acadêmico é Iemanjá, por vezes também assume a grafia de Yemanjá onde a letra inicial alude à origem do nome. Isso também observa-se no caso de Yemayá na Santeria em Cuba. No odu Ogundá é chamada de Mojeleu (Mọjẹlẹwu), esposa de Oquerê, rei de Xaqui. Também é conhecida como Aleyo na mesma região de Ebadó, Aietoró, Igã e Ocotó. Em Trindade e Tobago é chamada de Emanjá (Emanjah) ou Amanjá (Amanjah), e Metre Sili ou Agué Toroió (Agué Toroyo) na República Dominicana.

O seu nome na cultura popular brasileira Dona Janaína a Mãe d'água é associado por alguns autores a uma origem indígena mas não evidenciam seu significado ou grupo linguístico. No guarani existe Jara, pronúncia correta de Iara, significando, segundo M. A. Sampaio, "senhor, senhora, dono, dona, proprietário, proprietária. Não quer dizer 'senhora das águas'. Para esse termo, seria Y-jara: Y- água; jára, senhor ou senhora." Tal alusão à figura mitológica brasileira de Iara justificaria dois títulos em comum, Mãe d'Água e Sereia, e sua origem explica por que é tratada por "Dona". Lenz, H. Goldammer em seu dicionário de tupi e guarani identifica Janaína como corruptela de ja nã inã, que significaria "costuma ser semelhante ao solitário" ou "Rainha do Mar" em uma tradução livre do Tupi. O dicionário Houaiss registra a explicação da composição do nome por Olga Cacciatore como de origem iorubá: iya, "mãe" + naa, "que" + iyin, "honra". M. C. Costa, em um artigo referente, localiza sua origem no diminutivo de Jana, expressão portuguesa para Anjana, ser mitológico ligado às Xanas, uma espécie de fada ou ninfa da mitologia asturiana que vive nos rios, fontes e mananciais. Já outro nome Inaê é segundo Édison Carneiro apenas aférese de Janaína com mais um "ê" eufônico.

Iemanjá também assume diversos epítetos e títulos em sua grande variedade de cultos. Segue uma lista incompleta, excluindo-se também qualidades e avatares: Ayaba ti gbe ibu omi, rainha que vive na profundeza das águas; Ibu gba nyanri, regato que retém a areia; Oloxum (Olosun), regato vermelho; Ibu Alaro, regato negro (anil); Olimọ, dona da folha de palmeira; Onilaiye, dona do mundo; Onibode Iju, guardiã da floresta; mãe de Minihun (Iya ominihun), em referência a minihun que é o nome que se dá às crianças que acredita-se concebidas graças a Iemanjá; Ayaba lomi o, rainha na água; Iá

Ori, mãe da cabeça, Rainha do Mar, Sereia. Outras referências como Aiocá ou Princesa de Arocá parecem corruptelas de Abeocutá, cidade principal do culto de Iemanjá.

Muitos atributos e códigos morais de Iemanjá podem ser verificados em suas cantigas e oriquis, tradições orais entre os iorubás, seus itãs ou mitos e demais tradições também se preservaram de mesmo modo, estando segundo R. Ogunleye suscetíveis às limitações da memória e à extinção de saberes com a morte dos que a preservam. Com a perda de muitos de seu culto durante as guerras sofridas pelos ebás, que resultaram na sua migração para uma nova região, não é espantoso que seus mitos originais só aludem ao suporte de seu culto na nova localidade, o rio Ogum e não seu predecessor como adiante verificamos.

Os primeiros registros literários de seus mitos, assim como de alguns outros orixás, foram prejudicados por diversos equívocos. A. B. Ellis a ela associa uma gênese incestuosa influenciada por P. Baudin é repetida diversas vezes por autores como R. E. Dennett, Stephen Septimus Farrow, Olumide Lucas e R. F. Burton influenciados uns pelos outros, e ecoada no Brasil por Arthur Ramos e Nina Rodrigues. P. Verger inicialmente influenciado por tais mitos já alertava que os mesmos não eram mais conhecidos ou possíveis de se verificar na costa da África e posteriormente conclui tratar-se de uma série de equívocos e os rebateu duramente em obras posteriores. Essas influências ocidentais imprecisas refutadas por Verger aderiram na interpretação de Iemanjá em sua associação com a gênese do mundo, sendo objeto de estudo assim retomado por diversos autores que vêem em Iemanjá unida a Aganju (apresentado como irmão e marido) e posteriormente violada pelo filho, uma síntese da cosmogonia iorubá, passando a figurar como "mãe de todos os orixás" tal como apresentado por Poli ou culminando na visão poética de Prandi com Iemanjá ajudando pessoalmente Olodumarê na construção do mundo.

Para Poli, mesmo a concepção de Iemanjá que vislumbramos na obra de Verger é uma divindade já sincrética, como podemos conferir em sua associação a Ieuá e também Ieiemouô. Tal confusão não é grave no seu culto no Brasil por exemplo, onde Iemanjá tornou-se em uma nova interpretação segunda esposa de Oxalá -uma concepção dos mesmos de Obatalá-, formando o casal da criação. Alguns autores, como L. Cabrera em sua memorável explanação e abordagem sobre

Iemanjá e Oxum, abordaram essa visão da diáspora centrada no seu novo contexto social, cultural e histórico, como é o caso de Cuba na análise da pesquisadora, não preocupando-se em um resgate propriamente a partir da origem.

No Novo Mundo, também observa-se uma moralização de sua figura em associação ao sincretismo com figuras do cristianismo, segundo Sousa Júnior: "O exemplo mais ilustrativo disso é a perda de características guerreiras em detrimento da exacerbação de elementos como virgindade, pureza e docilidade, ideais por excelência da figura da Virgem Maria (...)", quando não em determinados momentos assume os aspectos da sensualidade em demasia, de amante, confundida na figura de Iara mesclada com as sereias europeias. como podemos verificar na Dona Janaína da obra de Jorge Amado ou das canções de Dorival Caymmi , ou mesmo no culto de Lá Sirène ou Mami Uata no Caribe.

Seus mitos permanecem relacionados às águas, muito embora o orixá possa ter passado dos rios aos mares como observamos no Brasil e em Cuba, seja em substituição de cultos de divindades esquecidas no processo de diáspora como o de Olocum que foi substituído no panteão afro-brasileiro por Iemanjá, ou o estreitamento demasiado dessas duas divindades de mesma família, como observamos cunhado na figura de Iemanjá Olocum (Yemayá Olokun) explorada por Cabrera.

Para R. Ogunleye, um ponto importante para a compreensão do culto religião iorubá a Iemanjá é a observação quanto a sua pureza moral e ritual. Seu culto na Nigéria compreende diversas categorias, como o diário (privado), regular (celebrar dias especiais que lhe são consagrados), especial, solicitado mediante determinadas situações ou ocorrências e anual como os seus festivais em Ibará e Ibadã.

O culto diário ou regular, é uma prática realizada pelo devoto em sua própria residência no santuário particular. Consiste em práticas em geral simples, que podem ocorrer na faixa da manhã como maneira de desejar bom dia ao orixá, e fazer-lhe oferendas como obis e com o mesmo repartido conferir através de um simples ritual se a procedência do dia será ou não boa. O culto regular tende a ser mais elaborado que o primeiro, ocorrendo a cada cinco dias, inclui a visitação ao templo por parte de uma comunidade de devotos, com arrumação do santuário, oferendas, sacrifícios e outros ritos

litúrgicos. Segundo R. Ogunleye, "Neste ponto, a alta sacerdotisa (Iaji) vai assumir, levando-os em oração ritual para deusa. Durante este tempo, ela vai oferecer sacrifícios à deusa. Isso inclui milho processado (Ebó), farinha de feijão branco (ecuru), caracóis, cana-de-açúcar, e nozes de cola. Depois disso, ela vai fazer petições com os nomes dos fiéis para o orixá. Em seguida, eles se separaram e arremataram a noz de cola (obi). Se tudo estiver bem pelo presságio, todos ficam felizes e todos dançam na presença de Yemoja".

O culto especial ou ocasional pode ocorrer pelos mais diversos motivos, inclusive por solicitação de Iemanjá para uma pessoa específica ou família. Serve como base para pessoas que desejam adentrar em novos empreendimentos ou iniciativas, para bênçãos às crianças, como também solicitar prosperidade, vitória em causas ou sobre inimigos e qualquer outra situação ou adversidade na vida. A última forma de culto é o Odum Iemanjá (Odun Yemojá), a festividade anual, "É uma ocasião para regozijo e gratidão. o que distingue adoração durante o festival anual é o programa elaborado conectado com a celebração. As pessoas vêm no seu melhor e dão o seu melhor. A celebração ocorre normalmente no santuário de Iemanjá. As ofertas são principalmente para ação de graças, e as refeições constituem uma oportunidade para a comunhão entre a deusa e seus 'filhos'", explica Ogunleye.

Diversas representações na arte e em práticas rituais em sua homenagem são alguns dos componentes mais comuns dos sistemas religiosos derivados da sociedade iorubá em outras partes da América do Sul, Estados Unidos, e no Caribe. Neste contexto, a veneração de Iemanjá é transcultural e internacional. No Brasil e além, o carisma de Iemanjá ultrapassou as fronteiras que demarcam religião, classe social, etnia e raça para abraçar todos.

Iemanjá sendo uma divindade possuidora de grande popularidade no Brasil e em Cuba é celebrada com grandes festas públicas, entre as quais se destacam o presente de Iemanjá na praia do Rio Vermelho na Bahia no dia 2 de fevereiro, e a festa no dia 8 de dezembro juntamente as festividades de Nossa Senhora da Conceição no Brasil. Em Cuba, suas festividades ocorrem no dia da Virgem de Regla, em 8 de setembro.

Segundo Omari-Tunkara, "Na Bahia, objetos de arte sacra,

dança, rituais, e o transe são os meios fundamentais utilizados para comungar com os deuses e manipular o sagrado", Iemanjá assim como muitos orixás é representada por diversos objetos, comidas, ritmos, e músicas. É representada materialmente no candomblé e santeria pelo Ibá de Iemanjá,P. Verger menciona "Seu axé é assentado sobre pedras marinhas e conchas, guardadas numa porcelana azul. (...)Fazem-lhe oferendas de carneiro, pato e pratos preparados à base de milho branco, azeite, sal e cebola".

O ponto culminante do culto ao orixá ocorre com os seus iaôs ou eleguns mediante a possessão, onde "Iemanjá manifesta-se em seu adoxu ou Olorixá (termos genéricos para todos os iniciados capazes de experimentar o transe de possessão; médiuns)". Uma vez iniciado o processo de transe, entende-se todos os atos e comportamentos do elegum como sendo originados de seu orixá. Segundo Rouget, "A possessão é caracterizada pelo fato de que, durante o transe, o sujeito é entendido como ganhador de uma diferente personalidade: a da divindade, do espírito, do gênio ou do ancestral - pelo qual podemos usar o termo geral 'divindade' - que toma posse do sujeito, substituindo-se a ele, e atuando agora no lugar do sujeito (...) por um período maior ou menor, o sujeito torna-se a própria divindade. Ele é deus. Podemos chamar essa possessão no stricto sensu da palavra".

Durante esses fenômenos, o orixá manifestado apresenta-se respondendo corporalmente a canções que lhe são próprias entoadas por dirigentes do culto, e seguindo os ritmos que são de sua preferência, portam objetos que lhe são característicos, além de emitir pequenos gritos Ilá que lhe identificam conforme verificamos no estudo de R. S. Barbara, sendo que Iemanjá pode rir às gargalhadas ou gemer, como se estivesse chorando. Segundo Bastide, as danças religiosas na concepção africana constituem a evocação de certos episódios da história dos deuses. São fragmentos de mitos, e o mito deve ser representado ao mesmo tempo que falado, para adquirir todo o poder evocador." Para R. S. Bárbara a função da dança dentro da ritualística do candomblé é múltipla, sendo mimética e litúrgica, entendendo como mimética o ato de imitar os movimentos típicos do orixás e litúrgica por sinalizar e suturar todos os momentos do ritual até a expressão e manifestação mística do orixá, onde forma e conteúdo unem-se numa única dimensão, o próprio orixá..

A dança de Iemanjá reflete em maior parte sua personalidade ligada à maternidade, e seu elemento natural fluídico, a água, apresentando movimentos evocativos das ondas marinhas e de distribuição que representam, nas palavras de M. Augras, "germinação constantemente renovada". Seu ritmo predileto é o jincá, que significa "ombros", indicando danças reais de caráter mais lento e que estimulam respeito. P. Verger nos diz, "Na dança, suas iaôs imitam o movimento das ondas, flexionando o corpo e executando curiosos movimentos com as mãos, levadas alternadamente à teste e à nuca, cujo simbolismo não chegamos a identificar. Manifestada em suas iaôs, Iemanjá segura um abano de metal branco e é saudado com gritos de: 'Odô Ìá!!!' (Mãe do rio)". R. Prandi e M. Zenicola identificam que os movimentos não entendidos por Verger são referência ao seu domínio sobre o Ori no Brasil. F. Eramo acrescenta: "O ritmo é também parecido com o ritmo dos oceanos, e Iemanjá dança parecendo acariciar as ondas do mar. Além da leveza e ondulação da água, Iemanjá representa a fertilidade através de sua dança. Ela movimenta a pelve ao dançar, símbolo da reprodução e germinação. Ao se olhar no espelho, ela representa a beleza, mas uma beleza calma e pacífica. Nas festas públicas observadas, os filhos de santo que incorporam Iemanjá dançavam com muita leveza, calma e sutileza". M. Zenicola relata outros movimentos curiosos: "Outro movimento é estender as mãos em posição que lembra estar implorando, ou melhor, esmolando por caridade e amor", e prosseguindo na sua análise afirma: "Na dança de Iemanjá não existem movimentos grandes, ampliados ou mesmo em alta velocidade, possivelmente como reflexo das características do orixá; os gestual das mãos lembra carícias na água, elemento do qual faz parte, empurrando-a para trás do corpo. Seu deslocamento é suave, ligeiramente contido, como se flutuasse ou caminhasse dentro da água". Na santeria apresenta danças vigorosas e com o dramatismo da influência da dança espanhola.

Durante suas manifestações, costuma utilizar diversos objetos ou ferramentas na cor prata, entre as quais se destaca o adé (coroa), abèbè (leque de metal com ou sem espelho), obé (espada, alfange ou faca) entre outros.

Saudação: Odoyá Yemanjá! Adoci-yaba! - significa: Salve a Senhora da ÁGUA

AMERINDIA :IARA - Divindade ou "deusa" das águas = Iemanjá Água!

Saudação - Odoiá!

Sincretismo - Virgem Maria, N.S. dos Navegantes, N.S. de Fátima

Festa - 2 de Fevereiro, 15 de Agosto, Passagem de Ano

Dia de Culto - 2ª Feira, 6ª Feira e Sábado

Símbolos - Abebé prateado (Espelho em forma de Peixe), lua, peixes

Cores - Azul cristal, pérola, verde-mar

Número - 4 e 9

Bebida - Champanhe, água de coco, moscatel

Comida - Amalá branco, milho branco com leite condensado, peixe do mar assado

Elemento - Água

Ervas - Macieira, arruda, salgueiro, musgo-marinho, algas, unha-de-vaca

Flores - Rosa branca, e qualquer flor branca

Animais - Peixes, cisne, golfinho, baleia

Quizilas - Pó

Local de oferta - Oceano, enseadas, praias

Domínio - Rainha dos Orixás, Senhora da purificação, família, harmonia, saúde mental, Rainha e Senhora de todas as águas do mundo, da maternidade, da fecundidade e gestação.

1. Iemanjá
    1. Iemanjá